

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO ESCRITA NA ESCOLA DE ACORDO COM A NOÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL: A PROPOSTA DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA *ESCREVENDO O FUTURO*

Caroline Seberino

1 Introdução

Nos últimos anos, tem havido um crescente interesse e uma ampla divulgação do ensino de línguas através de gêneros, especialmente a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL 1998). Por alguns anos, no entanto, a proposta de mudança de foco no ensino circulava enquanto proposta teórica, mas sem exemplos de como colocar em prática tal mudança. Nos PCN (BRASIL, 1998, p.20-21), no componente curricular de língua portuguesa, o texto é estabelecido como unidade de ensino enquanto atividade discursiva e organizado dentro de determinado gênero.

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. (BRASIL, 1998, p. 21)

A proposta de mudança no ensino gera, idealmente, mudança também na avaliação. Entretanto, se já havia dificuldades em colocar em prática o ensino através de gêneros, com a avaliação não foi diferente. O objetivo do presente trabalho, com a intenção de colaborar com o debate da avaliação de produção escrita na escola, é analisar como a avaliação centrada pela noção de gênero textual é operacionalizada na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e da Fundação Itaú Social, com coordenação técnica do Cenpec — Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, criada em 2002. É um projeto de caráter bienal: em anos pares acontece o concurso de produções textuais dos alunos das redes públicas (municipais e estaduais) e em anos ímpares acontecem as ações de formação de professores de língua portuguesa, presenciais ou à distância, além da produção de materiais de apoio para os professores e da realização de pesquisas e estudos. (http://escrevendo.cenpec.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=30&Itemid=55)

No texto de apresentação do Caderno do Professor (um dos materiais que compõem a OLPEF), os objetivos da Olimpíada apresentados por Joaquim Dolz são a democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o “iletrismo” e o fracasso escolar, contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita e contribuir direta e indiretamente para a formação docente. (DOLZ, s/d, p. 9)

A escolha pelo material da OLPEF para análise se deu pelo entendimento de que o projeto explicitamente pretende promover o ensino através de gêneros. Na apresentação do Caderno do Professor, material que circula nas escolas participantes da Olimpíada, lemos que “Este *Caderno do Professor* traz uma sequência didática desenvolvida para estimular a vivência de uma metodologia de ensino de língua que trabalha com gêneros textuais”. (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p.3) A grade de critérios de avaliação da produção presente ao final do volume é antecedida da afirmação “Os critérios refletem a forma como os gêneros textuais estão definidos neste Caderno, ou seja, foram elaborados para a análise de textos produzidos no âmbito da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.” (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p.126)

Entendo, assim, que a grade que é apresentada, tanto no Caderno do Professor quanto no Curso para Avaliadores, e a correção dos textos apresentados no Curso para Avaliadores oferece um exemplo de avaliação de produção escrita centrada na noção de gênero que merece ser analisada. Acredito, ainda, que dar visibilidade à operacionalização do conceito de gênero textual pode ser uma contribuição para que os professores que trabalham com a OLPEF possam ampliar sua compreensão e propiciar que outras propostas (de ensino e de avaliação) sejam criadas por eles mesmos, nesses moldes.

Para análise no presente artigo, selecionei o Caderno do Professor “A ocasião faz o escritor”, direcionado para o trabalho com o gênero crônica, e o Curso para Avaliadores disponível no site da Olimpíada, também no que diz respeito ao gênero crônica (http://escrevendo.cenpec.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=90&Itemid=6). O Caderno do Professor é composto por uma apresentação geral da Olimpíada, orientações para a realização de 11 oficinas direcionadas para a elaboração de uma crônica pelos alunos, a grade de avaliação dos textos utilizada pelos avaliadores e um CD com gravações da leitura das crônicas que serão estudadas pelos alunos durante as oficinas e slides para projeção dos mesmos textos em datashow. O Curso para Avaliadores disponível no site da Olimpíada compreende 4 blocos: Uma conversa sobre crônica,

Identificar as características do gênero, Classificar crônicas e Vivenciar os critérios de avaliação. Os dois primeiros enfatizam as características do gênero em questão e os dois últimos são práticas de correção de textos.

2 Definindo gênero textual e gênero discursivo

Conforme já citado anteriormente, o Caderno do Professor da OLPEF “traz uma sequência didática desenvolvida para estimular a vivência de uma metodologia de ensino de língua que trabalha com gêneros textuais”. (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p.3) Essa afirmação nos remete à centralidade da noção de gêneros textuais para a construção das oficinas e da avaliação dos textos.

Na leitura do Caderno do Professor da OLPEF, no entanto, chamou-me a atenção que os termos *gêneros textuais*, *gênero de texto*, simplesmente *gêneros* e *gênero discursivo* aparecem sem diferenciação. É notável, no entanto, que o termo gênero discursivo apareça apenas uma vez, na apresentação da primeira oficina proposta. As maiores ocorrências dos outros termos (*gêneros textuais*, *gênero de texto*, *gêneros*) se concentram no texto de apresentação da Olimpíada, escrito por Joaquim Dolz, enquanto as oficinas foram escritas por professores brasileiros.

Schoffen (2009) defende a posição de que o uso dos termos “gêneros do discurso” e “gêneros de texto” não é equivalente. A autora entende que essa escolha lexical está vinculada a duas correntes de estudo de gênero que trazem concepções diferentes

Os trabalhos de gênero do discurso tendem a selecionar os aspectos da materialidade linguística determinados pelos parâmetros da situação de enunciação, apenas ressaltando as marcas linguísticas que produzem significações e temas relevantes ao discurso. Já os estudos de gêneros textuais tendem a descrever a estrutura ou forma composicional (tipos, protótipos, sequências típicas, etc.), afastando-se, assim, da noção bakhtiniana de gênero. (SCHOFFEN 2009, p.98)

Ainda de acordo com a autora, Dolz é um dos autores reconhecidos da corrente de estudos dos gêneros textuais. Ao apresentar a Olimpíada e tratar sobre ler e escrever

na escola, encontramos a ênfase citada por Schoffen (2009) nos estudos de gêneros textuais.

Se queremos [que o aluno] que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.), temos de fornecer-lhe ferramentas para que possa analisar os textos pertencentes a esse gênero e conscientizar-se de sua situação de produção e das diferentes marcas linguístico-discursivas que lhe são próprias. (DOLZ s/d, p.11)

Em outro trecho, no entanto, o autor destaca a necessidade de se considerar aspectos que podemos considerar referentes à situação de produção do texto:

...escrever implica ser capaz de atuar de modo eficaz, levando em consideração a situação de produção do texto, isto é, quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. (DOLZ s/d, p.12)

Apesar de Schoffen (2009) apontar que existem diferenças na escolha lexical entre gêneros textuais e gêneros discursivos, essas diferenças não são tão destacadas no material da OLPEF. Há descrição da estrutura textual e das características composicionais, mas há também a referência à situação de produção. Essa referência aparece no próprio texto de apresentação escrito por Dolz, na grade de avaliação dos textos e no Curso para Avaliadores. No texto de abertura do Curso, há destaque para a necessidade de se “considerar a situação de produção, a idade e o grau de escolaridade dos autores”. Mais adiante, ao analisar textos corrigidos pela equipe da OLPEF, retomo os conceitos de gênero textual e gênero discursivo, conforme aparecem nos comentários da correção.

3 Caracterização da crônica no material da OLPEF

Para poder analisar como as crônicas são avaliadas no material da OLPEF, precisamos ter clareza quanto à caracterização do gênero crônica com que a equipe está trabalhando. No Caderno do Professor, tal texto é apresentado como “Um olhar atento sobre o cotidiano”:

A crônica é um gênero que ocupa o espaço do entretenimento, da reflexão mais leve. É colocada como uma pausa para o leitor, fadigado de textos mais densos. Nas revistas, por exemplo, em geral é estampada na última página. Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos. (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p. 20)

Existe, ainda, a ênfase no caráter público da crônica:

“LEMBRETE: O mais importante é que todas as crônicas produzidas nesta oficina – depois de revisadas e aprimoradas – serão publicadas, seja no site ou no blog da escola, seja no jornal da cidade ou do bairro, ou reunidas num livro que ficará na biblioteca da escola para apreciação de todos.” (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p. 115)

As autoras do Caderno do Professor apontam também que a crônica é, às vezes, considerada um gênero jornalístico, outras vezes, um gênero literário. A crônica literária é descrita como um texto que, mesmo tratando de aspectos do cotidiano (e, portanto datado) é apreciado apesar da passagem do tempo (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p. 22). As características de tal texto são destacadas:

[...] os escritores não destacam os fatos em si, mas a interpretação que fazem deles, dando-lhes características de “retrato” de situações humanas atemporais. Os temas geralmente são ligados a questões éticas, de relacionamento humano, de relações entre grupos econômicos, sociais e políticos.

Em geral, na crônica a narração capta um momento, um flagrante do dia a dia; o desfecho, embora possa ser conclusivo, nem sempre representa a resolução do conflito, e a imaginação do leitor é estimulada a tirar suas próprias conclusões. Os fatos cotidianos e as personagens descritas podem ser fictícias ou reais, embora nunca se espere da crônica a objetividade de uma notícia de jornal, de uma reportagem ou de um ensaio. (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p. 22)

A situação de produção da crônica é adaptada para o contexto escolar e cada aluno é visto como “um autor que vai escrever sobre as condições do lugar onde vivem para colegas, educadores, pais e familiares” (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p.115)

Em relação às marcas de autoria esperadas nas crônicas, o Curso para Avaliadores estabelece que é necessário que os alunos:

apurem e aprofundem o próprio lugar;
capturem instantes da realidade que possam gerar reflexões;
busquem proximidade com o leitor, mesmo que de forma indireta;
lancem mão de um pouco de poesia, humor, ironia ou outra peculiaridade para apresentar as situações;
ofereçam, para quem os lê, emoções, surpresas, risadas ou, simplesmente, espelhos.

4 Como o gênero aparece na grade de pontuação?

A grade de pontuação de crônicas da OLPEF é formada por quatro critérios, cinco descritores e indicação de pontuação para cada descritor. Ela aparece no final do Caderno do Professor e é a base dos blocos 3 e 4 do Curso para Avaliadores.

O critério “adequação ao gênero” é composto por dois descritores – adequação discursiva e adequação linguística – que, juntos, somam 5 pontos, ou seja, metade da pontuação máxima que o texto pode receber. Nesse sentido é notável a valorização da noção de gênero textual, que recebe o maior peso na pontuação.

Na apresentação da grade, há uma breve explicação desses descritores que têm maior peso na pontuação.

CRÔNICA		
CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO	DESCRIPTORES
Tema "O lugar onde vivo"	1,5	<ul style="list-style-type: none">• O texto se reporta de forma significativa e pertinente a algum aspecto do cotidiano local?
Adequação ao gênero	2,5	Adequação discursiva <ul style="list-style-type: none">• A situação de produção própria da crônica se manifesta no texto?• A organização geral do texto está de acordo com o tipo de crônica escolhido (política, cultural, esportiva...)?
		Adequação linguística <ul style="list-style-type: none">• Os marcadores de tempo e espaço contribuem para caracterizar a situação tratada?• Os articuladores textuais são apropriados ao tipo de crônica escolhido pelo autor?• Os recursos de linguagem estão adequados ao tom visado (irônico, humorístico, lírico ou crítico)?
Marcas de autoria	2,0	<ul style="list-style-type: none">• O título instiga o leitor?• Há um modo peculiar de perceber e apresentar a situação tratada?
Convenções da escrita	1,5	<ul style="list-style-type: none">• O texto atende às convenções da escrita (morfofossintaxe, ortografia, acentuação, pontuação)?• Quando há rompimento das convenções da escrita, isso ocorre a serviço do sentido do texto?

Tabela 1 – Avaliação do gênero crônica

a expressão **adequação discursiva** refere-se à adequação do texto à situação de produção; nesse caso, deve-se observar se o texto deixa transparecer quem o escreveu, para quem ler, com que objetivo e se está de acordo com a organização geral. A **adequação linguística** está relacionada à forma como a linguagem é empregada. Para analisar esse critério, observe se o *modo de dizer* está a serviço da situação de produção e da organização textual. (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p.126)

Na explicação dos descritores, que também é uma orientação sobre a forma como analisá-los, fica evidente a ênfase na noção de gênero textual. Tanto a adequação linguística quanto a discursiva se organizam em torno da situação de produção. A situação de produção não é retomada nessa etapa do Caderno do Professor, mas vale lembrar que ela já foi estabelecida nas oficinas: “situação de comunicação: cada um dos alunos é um autor que vai escrever sobre as condições do lugar onde vivem para colegas, educadores, pais e familiares” (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p.115). Na mesma oficina em que a situação de produção é retomada, existe um lembrete aos professores, que estabelece a crônica como gênero de circulação pública, mais uma característica da situação de produção:

LEMBRETE: O mais importante é que todas as crônicas produzidas nesta oficina – depois de revisadas e aprimoradas – serão publicadas, seja no site ou no blog da escola, seja no jornal da cidade ou do bairro, ou reunidas num livro que ficará na biblioteca da escola para apreciação de todos. (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p. 115)

A constituição do critério “adequação ao gênero” é uma informação importante para se entender como a avaliação centrada pela noção de gênero é operacionalizada na OLPEF. Ele é organizado em adequação discursiva e adequação linguística. Os critérios “tema” e “marcas de autoria” constam na grade, mas como critérios que são avaliados de maneira independente. Essa escolha leva a uma aproximação da linha dos gêneros textuais, pois prioriza o modo composicional e não a situação de produção, já que o tema do texto e as marcas do autor são constituintes do gênero se considerarmos a definição de gênero discursivo. Schoffen (2009) contribui para entendermos o papel do tema (o que dizemos) e das marcas de autoria (como dizemos) na constituição do texto: “Isso significa que o que dizemos e como dizemos está diretamente relacionado com o papel social que exercemos e o meio social em que estamos inseridos naquela situação de comunicação específica.” (SCHOFFEN, 2009, p.81)

5 Como o gênero aparece na pontuação e nos comentários?

No Curso para Avaliadores, encontramos oito textos que são pontuados e comentados. Para analisar como a avaliação centrada pela noção de gênero textual é operacionalizada na grade de pontuação de crônicas na OLPEF, escolhi, primeiramente, dois textos: aquele que obteve a menor pontuação (Texto 8 – Entrevista) e aquele que obteve a maior pontuação (Texto 7 – Toque-me).

Seguem o texto que obteve a menor pontuação e a grade de pontuação comentada.

Texto 8 – Entrevista
<p>Era entre 10 e 11 horas de uma calorosa manhã em São Paulo, mais precisamente na Avenida Paulista, quando eu me preparava para ser avaliado em uma entrevista de emprego. Eram umas dez pessoas que provavelmente disputariam três vagas. Confesso que me senti inseguro quando observei a fisionomia de cada candidato. Todos eles tinham uma ótima aparência. Logo após o primeiro candidato entrar na sala, que seria realizada a entrevista, outro candidato, que acabára de chegar, chamou atenção de todos que ali estavam. A sua impaciência, o suor que escorria de seu rosto, a sua camisa, que apesar de ser social, nota-se que estava além de suja, amarrotada. Era um homem negro e de expressão humilde.</p> <p>Quando a porta da sala se abriu, o candidato que lá estava saiu com uma expressão de alegria no rosto e a senhora entrevistadora olhou o homem que se dirigia a ela se desculpando pelo atraso. Com um tom de arrogância misturado com desprezo, ela pediu para que ele se retirasse, pois as vagas já estavam preenchidas. Eu sabia que isso era impossível porque apenas um candidato teria sido avaliado.</p>

Tabela 2 – Texto Entrevista

Texto 8 – Entrevista		
CRITÉRIOS	PONTOS	DESCRITORES
Tema “O lugar onde vivo”	Máx – 1,5 Pts – 0,5	Embora o autor tenha citado o nome de uma cidade e de uma de suas principais avenidas, a narração de um episódio que, como esse, poderia ocorrer em vários lugares não é sinônimo de reportar-se de forma significativa a um aspecto do cotidiano local.
Adequação ao gênero	Máx – 2,5 Pts – 1,0	Adequação discursiva O texto apresenta problemas em sua organização geral: há início, meio, mas falta fim. Essa ausência fez com que o leitor ficasse sem saber o que o narrador sentiu ao presenciar uma cena clara de preconceito e, principalmente, o que se sucedeu depois dela. Com isso a situação de produção própria da crônica ficou bastante comprometida. Cabe notar, no entanto, que a organização do começo e do meio do texto está de acordo com o tipo de crônica escolhido e, principalmente, com a temática, uma vez que o clima na sala é bem narrado e leva o leitor ao ambiente.
	Máx – 2,5 Pts – 1,0	Adequação linguística Observa-se bom uso dos recursos de linguagem no que se refere à criação de suspense. Os marcadores de tempo e espaço foram adequadamente explorados. Já os articuladores textuais ficaram devendo, até porque, entre outros, não há articulação final.
Marcas de autoria	Máx – 2,0 Pts – 0,5	Não se trata de um título instigante e o que poderia ser um modo peculiar de perceber e apresentar a situação acabou ficando sem desfecho, o que causou sério prejuízo também à avaliação deste descritor. No entanto vale lembrar que a percepção do que sente um candidato na situação de entrevista para uma vaga de trabalho foi bem construída.
Convenções de escrita	Máx – 1,5 Pts – 0,5	Muitas são as questões com relação a esse aspecto: <ul style="list-style-type: none"> • Embora não seja errado dizer “Era entre 10 e 11 horas” (uma vez que a concordância poderia se referir a “um horário”), essa não é uma boa construção, considerando a linguagem que se escreve e, principalmente o fato de ser essa a primeira frase do texto; • Há problemas ortográficos – SS em vez de S (insseguro), N antes de P (impaciência), J em vez de G (dirijia); • Problemas de acentuação (“acabára”) – cabe valorizar, no entanto, o uso do “mais que perfeito” nesse caso. Não só está adequado, como é raro vê-lo em textos de alunos dos tempos atuais; • Uso equivocado de pronome (em vez de “... na sala, que seria realizada”, o correto é “... na sala em que seria realizada”). • Trechos mal construídos: <ol style="list-style-type: none"> a) “A sua impaciência, o suor que escorria de seu rosto, a sua camisa, que apesar de ser social, nota-se que estava além de suja, amarrotada.” Cabe notar que a intenção, mesmo que não muito bem formulada, era de uma descrição detalhista e cuidadosa. b) “a senhora entrevistadora olhou o homem que se dirigia a ela se desculpando pelo atraso”. Fez-se necessário esforço do leitor para

		entender que o homem aqui citado é o mesmo da camisa amarrotada.
Pontuação final	Pts – 3,5	

Tabela 3 – Avaliação do texto Entrevista

Se observarmos os comentários nos descritores adequação discursiva e adequação linguística, veremos que o texto foi considerado “sem final” pelos avaliadores que produziram o material. Esse aspecto fez com que dos cinco pontos do critério adequação ao gênero, o texto obtivesse apenas dois. De acordo com os avaliadores

O texto apresenta problemas em sua organização geral: há início, meio, mas falta fim. Essa ausência fez com que o leitor ficasse sem saber o que o narrador sentiu ao presenciar uma cena clara de preconceito e, principalmente, o que se sucedeu depois dela. Com isso a situação de produção própria da crônica ficou bastante comprometida. (grade de pontuação do texto 8)

Acredito que cabe retomar a situação de produção proposta pela OLPEF: “cada um dos alunos é um autor que vai escrever sobre as condições do lugar onde vivem para colegas, educadores, pais e familiares” (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p.115). Pela afirmação feita de que o texto “não tem final” os avaliadores não consideraram que a frase “Eu sabia que isso era impossível porque apenas um candidato teria sido avaliado.” poderia ter sido uma escolha do autor para o final. Na leitura dos avaliadores faltou o olhar pessoal do autor, seus sentimentos diante da cena narrada. A falta de desenvolvimento do sentimento do autor frente a cena narrada é um ponto importante porque tem a ver com a constituição do gênero crônica: “Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos.” (LAGINESTRA; PEREIRA, s/d, p. 20)

Além disso, parece que o maior problema em relação à situação de produção é que o autor não traz informações específicas sobre as condições do lugar onde vive, o que é um aspecto importante da situação de produção proposta.

Os apontamentos presentes no critério de adequação ao gênero – problemas de organização geral e de articuladores textuais, por exemplo – não fazem referência a problemas de “modo de dizer” quanto à situação de produção do texto. Uma crônica, geralmente, é escrita para provocar emoções no leitor, apresentar um ponto de vista

particular. Essas características ficaram um tanto ausentes do texto; o autor não desenvolve mais seu ponto de vista, ou até algo que justifique a decisão de selecionar este evento como tema digno de uma crônica.

O texto 7 (Toque-me) obteve pontuação máxima e, portanto, creio que serve para percebermos o que é considerado um bom texto nessa proposta de avaliação de produção escrita centrada na noção de gênero.

Texto 7 – Toque-me	
<p>Hora do rush. A Estação da Luz parece um formigueiro humano. Todos os paulistanos correm para pegar o trem. No meio desse alvoroço, um piano chama a atenção das pessoas que se aproximam dele hipnotizadas. Uma música suave embala os trabalhadores cansados que passam por ali. Uma voz começa a cantar lindamente e me espremo para chegar mais perto. Outros curiosos também se aproximam. Para nossa surpresa, um rapaz humilde toca como um mestre e uma moça, um tanto desajeitada, solta sua voz como um pássaro canoro.</p> <p>Fico paralizado pela emoção quando percebo que os dois são cegos e que estão generosamente nos presenteando com aquele espetáculo.</p> <p>Olho para os rostos sofridos ao meu redor e sinto que estão aliviados e agradecidos. Vou saindo devagarzinho e de cabeça baixa para que não percebam que as lágrimas teimam em cair de meus olhos.</p>	

Tabela 4 – Texto Toque-me

Texto 7 – Toque-me		
CRITÉRIOS	PONTOS	DESCRITORES
Tema “O lugar onde vivo”	Máx – 1,5 Pts – 1,5	Mesmo se retirássemos duas referências que aparecem logo nas primeiras frases do texto – “paulistanos” e “Estação da Luz” (marco da arquitetura em São Paulo) –, ainda assim saberíamos que a narrativa se passa em uma grande cidade urbana por causa de outros indícios: “hora do rush” e presença da metáfora “formigueiro humano”, ou seja, o texto se reporta de forma bem significativa e pertinente a um aspecto do cotidiano local – o que ocorre nos fins de tarde no centro de São Paulo.
Adequação ao gênero	Máx – 2,5 Pts – 2,5	Adequação discursiva Desde o início, o leitor é convidado a acompanhar tudo o que o narrador vê e sente. Estabelece-se, assim, a cumplicidade entre ambos. O autor cria um movimento narrativo que revela descobertas aos poucos, como que reproduzindo os tempos que o olhar humano tem diante de uma cena aberta. Chama a atenção o bom trabalho com adjetivos. Além disso, é perfeito o instante selecionado como matéria-prima de produção da crônica.
	Máx – 2,5 Pts – 2,5	Adequação linguística Marcadores de tempo e espaço contribuem para caracterizar a situação tratada e os articuladores textuais estão apropriados. Além disso, a construção de um texto enxuto, elaborado com frases curtas, entra em harmonia com o tempo da própria cena.
Marcas de autoria	Máx – 2,0 Pts – 2,0	Além de instigante, o título é uma adaptação muito bem feita: por algum tempo, foi colocado um piano no centro da cidade de São Paulo para quem quisesse manusear. “Toque-me, sou teu”, texto escrito ao lado do

		<p>instrumento, teve como intenção convidar os transeuntes a se aproximarem e experimentarem música. Poderíamos perguntar: imaginando que nem todos os leitores saibam desse episódio, ainda assim o título da crônica faria sentido? Sim, porque aqui entra em cena uma bela exploração da polissemia do verbo tocar: como sinônimo de executar instrumento e como sinônimo de emocionar.</p> <p>Sobre o modo de perceber e apresentar a situação tratada, a intenção do autor de tocar o leitor foi muito bem conduzida e, no desfecho, chama a atenção o bom uso do verbo “teimar” relacionado às lágrimas.</p>
Convenções de escrita	Máx – 1,5 Pts – 1,5	O texto atende bem às convenções apesar da troca do S por Z em uma palavra (“paralizado”) e de um ou outro momento que poderiam ter sido trabalhados um pouco mais (exemplo: em vez de “... um piano chama a atenção das pessoas que se aproximam dele hipnotizadas” seria melhor “... que dele se aproximam hipnotizadas”). Ocorre que essas questões são tão ínfimas que não causam o menor prejuízo ao texto.
Pontuação final	Pts – 10	

Tabela 5 – Avaliação do texto Toque-me

O texto “Toque-me” recebeu nota máxima em todos os critérios avaliados. Na adequação discursiva são citadas como qualidades a boa utilização de adjetivos, a seleção do instante que provoca a crônica e a cumplicidade estabelecida com o leitor. Já na adequação linguística, a extensão e o estilo do texto são considerados escolhas coerentes com a cena narrada. Os comentários tecidos na grade de pontuação remetem à caracterização do gênero crônica presente no material da OLPEF, já que destacam a maneira como o autor seleciona um momento que provoca reflexão, como o texto é construído para tocar a emoção do leitor, como fala de uma maneira peculiar de algo do cotidiano de uma grande cidade. É notável que as qualidades citadas do texto se refiram ao uso da língua de acordo com o propósito da crônica, de acordo com as características do gênero.

6 Considerações Finais

Acredito que ao analisar as grades de pontuação e os materiais de orientação da OLPEF encontramos uma proposta muito interessante de trabalhar com a produção escrita na escola. Como já foi referido, o fato de o maior peso de pontuação dos textos ser reservado ao critério de adequação ao gênero e não à correção ortográfica ou gramática por si mesma é um ponto importante de ser discutido na escola. A ênfase de que a avaliação do texto deve ser feita à luz do(s) propósito(s) de escrita, da constituição do gênero aponta para este deslocamento de atenção. É preciso considerar sempre a situação de produção:

quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. (DOLZ, s/d, p.12)

É possível perceber, no entanto, que a divisão entre as correntes de gênero textual X gênero discursivo não é tomada de maneira estrita. Na pontuação do texto 7 (Toque-me) a referência ao momento escolhido para ser narrado na crônica aparece na adequação discursiva, como parte do critério Adequação ao gênero: “Além disso, é perfeito o instante selecionado como matéria-prima de produção da crônica”. No texto 8 (Entrevista), no entanto, a referência ao momento narrado aparece no comentário do critério marcas de autoria: “No entanto vale lembrar que a percepção do que sente um candidato na situação de entrevista para uma vaga de trabalho foi bem construída.” Ou seja, num dado momento a seleção do fato a ser narrado é avaliada como parte da construção do gênero – o que levaria a um entendimento mais próximo de gênero discursivo – enquanto em outro texto a seleção é considerada no critério de autoria que não está incluído no critério de adequação ao gênero – o que nos leva a pensar em um entendimento mais próximo de gênero textual.

O conjunto de materiais analisados – Caderno do Professor e Curso para Avaliadores apontam para uma avaliação de produção escrita que considera a materialidade linguística do texto em relação à situação de produção, levando em conta aspectos constituintes da noção de gênero textual. Apesar de ser possível apontar algumas necessidades em termos de afinamento teórico (gênero textual ou discursivo?) e da organização interna da grade (o que conta como adequação ao gênero e o que merece um critério independente), após esta análise (ainda que curta), entendo que o material da OLPEF traz avanços para a discussão da avaliação e do ensino de escrita na escola brasileira. Atua como provocação para questionar o modelo de redação escolar e também fornece um exemplo para que o professor trabalhe, crie, adapte. É uma boa possibilidade para que a escola avance na proposta feita pelos PCN (1998) já há 14 anos.

Referências

BRASIL, 1998. Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF.

DOLZ, Joaquim. A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita. In.: LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. A ocasião faz o escritor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec. Coleção da Olimpíada. s/d.

LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. A ocasião faz o escritor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec. Coleção da Olimpíada. s/d.

SCHOFFEN, Juliana Roquele. Gêneros do discurso e parâmetros de avaliação de proficiência em português como língua estrangeira no exame Celpe-Bras. Tese de Doutorado em Letras, UFRGS, 2009.